

CONDIÇÃO SOCIAL E IDENTIDADE FEMININA EM *O PRIMO BASÍLIO*

Kelly da Silva Jean Jacques*
Henrique Marques Samyn*

Resumo: o artigo visa a realizar uma análise comparativa, por meio de um viés de classe, entre Luísa e Juliana, personagens centrais do romance de Eça de Queirós *O Primo Basílio*, buscando compreender como para uma era possível corresponder a um modelo ideal romântico, enquanto para a outra isso era algo inacessível. Através de uma leitura crítica acerca dos modelos de feminilidade na sociedade oitocentista, procuramos demonstrar de que maneira as referidas personagens podem ser percebidas como vítimas da sociedade patriarcal da época, quando levamos em consideração que tipos de atitudes eram aceitas ou restritas no âmbito social, como era a rotina das personagens, quais eram os deveres e direitos de cada categoria e o quanto o ambiente em que viviam e a origem de cada uma foi um fator fundamental no processo de composição social e na construção de suas respectivas personalidades.

Palavras-chave: Eça de Queirós; literatura portuguesa; estudos de gênero.

SOCIAL CONDITION AND FEMININE IDENTITY IN *O PRIMO BASÍLIO*

Abstract: the article proposes a comparative analysis, through a class perspective, of Luisa and Juliana, main characters of Eça de Queirós's novel *O Primo Basilio*, aiming to understand how one of them could match an ideal romantic model, while to the other it was inaccessible. Through a critical reading of the models of femininity in nineteenth-century society, we seek to demonstrate in which way the characters can be seen as victims of the patriarchal society, when we consider what kinds of attitudes were accepted or restricted in the social sphere, what was the characters' routine, the duties and rights of each category and how the environment in which they lived and their social origin were a key factor in their social formation and in the construction of their personalities.

Keywords: Eça de Queirós; Portuguese Literature; gender studies.

Introdução: Luísa, Juliana e o ideário romântico

Personagens centrais em *O Primo Basílio*, obra publicada em 1878 por Eça de Queirós, Luísa Brito de Carvalho e Juliana Couceiro Távira são construídas como representações de mulheres típicas da sociedade portuguesa oitocentista – de um lado, a

* Graduada (Letras – Português/Espanhol) e Pesquisadora de Iniciação Científica no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

* Doutor em Literatura Comparada, com Pós-Doutorado em Literatura Portuguesa; Professor Adjunto de Literatura Portuguesa no Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia – Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

“burguesinha da Baixa”; de outro, “a criada, em revolta secreta contra a sua condição”, nas palavras do próprio escritor (QUEIRÓS, 1983, p. 134), de modo a fornecer elementos para a crítica social que Eça pretende realizar na referida obra, consoante o programa elaborado a partir da influência do ideário realista. Como se torna evidente já pelos fragmentos transcritos da caracterização traçada por Eça, Luísa e Juliana pertencem a camadas sociais diferentes – uma clivagem que subjaz ao conflito que entre elas surge no romance de Eça, determinando o seu trágico desfecho.

Neste artigo, pretendemos apresentar algumas considerações acerca das referidas personagens e do modo como se relacionam em *O Primo Basílio*, por meio de um viés que, observando as diferenças de classe, possibilite entender de que forma para Luísa, a burguesa, era possível corresponder a um ideal feminino projetado pelo ideário romântico, enquanto para Juliana, a criada, tal ideal era inacessível. A tematização do romantismo na obra queirosana explica-se porque, como ressalta Carlos Reis (2009, p. 231), a crítica ao romantismo inseria-se no “processo crítico da sociedade portuguesa, de acordo com o propósito da Geração de 70”, visto que Eça encarava “o romantismo como um dos males de que essa sociedade enferma”. Para cumprir a tarefa anteriormente mencionada, será importante levar em consideração outros elementos, que permitam uma compreensão do cotidiano das mulheres na sociedade oitocentista e das formas de controle que sobre elas incidiam, determinando que atitudes eram vistas como aceitáveis ou inaceitáveis e a que elas estavam sujeitas, visto que tinham direitos vetados por uma sociedade regida por homens. Desse modo, tencionamos denotar o quanto a origem e o meio em que viviam influenciaram no processo de formação social de cada uma das personagens – tornando-as, respectivamente, a Senhora e a Mulher, para utilizar a caracterização de Irene Vaquinhas¹, bem como na construção de suas aspirações particulares.

Começaremos refletindo sobre o modo como as origens sociais de Luísa e Juliana, condicionando seu processo de formação, prepararam cada uma das personagens para ocupar posições específicas no âmbito da sociedade portuguesa, o que determina a clivagem que entre elas se verifica, a princípio. Num segundo momento, demonstraremos como um conjunto de circunstâncias acaba produzindo desvios que fazem com que os percursos de Juliana e Luísa se cruzem, o que cria as condições para que o romance chegue ao seu funesto desfecho. Como buscaremos enfatizar ao longo do

1 “a clivagem existente no seio da condição feminina e que pluraliza as mulheres no seio da condição feminina em diferentes categorias consoante o seu lugar na escala social.” (VAQUINHAS, 2000, p. 13).

artigo, as trajetórias das duas personagens – desde o momento inicial, quando se inscrevem em âmbitos particulares, até o momento em que se cruzam, por efeito dos desvios já mencionados – só podem ser plenamente compreendidas quando se considera que, em ambos os casos, estão sujeitas aos limites impostos à condição feminina por uma sociedade patriarcal.

A construção individual e social da “Senhora” e da “Mulher”

No que diz respeito aos processos de socialização das referidas personagens de *O Primo Basílio*, podemos começar observando que Juliana é oriunda de “gente sem qualidade” (VAQUINHAS, 2000, p. 16), ou seja, provém de uma família de classe social baixa, o que a levou a herdar da mãe a profissão de engomadeira. Embora tenha sido criada sem a presença paterna, uma figura masculina frequentava assiduamente a sua casa: trata-se de um homem que era muito bem tratado por sua mãe, que o chamava de “senhor D. Augusto” (QUEIRÓS, 2001, p. 119); a vizinhança o conhecia pela alcunha “o fidalgo” (QUEIRÓS, 2001, p. 119), enquanto sua mãe era chamada de “desavergonhada” (QUEIRÓS, 2001, p. 121) porque o recebia. Após perder a figura materna, devido a um problema uterino, Juliana só voltou a vê-lo uma vez na “procissão de passos” (QUEIRÓS, 2001, p. 121).

Nesse ponto, já podemos notar uma relevante diferença na forma como eram tratados os homens e as mulheres. A vizinhança julgava o comportamento da mãe de Juliana como algo inaceitável, pois ela recebia um homem em sua casa e tudo indica que havia um relacionamento entre os dois; em oposição, a classificação que é dada ao homem, mesmo que possa ser interpretada de algum modo como algo pejorativo, está longe de permitir comparar os diferentes níveis e pesos que têm uma difamação feminina na época e uma irrisória ironia quanto ao modo de apresentação masculina, o que reflete o duplo padrão moral aplicado a homens e mulheres no âmbito da sociedade patriarcal (cf. BOLES; HOEVELER, 2004). O insulto dirigido à mãe de Juliana visa, afinal, a desqualificá-la a partir de um critério que se fundamenta arbitrariamente em sua conduta sexual, o que reflete a percepção de que o valor da mulher está essencialmente vinculado ao exercício da sexualidade.

Em contraposição, Luísa tinha origem burguesa, tendo sido criada para o matrimônio; não lhe restava outra opção, uma vez que para as mulheres de sua condição

na época não havia espaço para o trabalho, para a política ou para qualquer tipo de participação social. Em outras palavras: para a mulher, sobrava o papel de coadjuvante numa sociedade preponderantemente masculina. No caso de mulheres de origem burguesa como Luísa, “o seu valor está no seu encanto, na sua beleza, no perfume com que inunda a casa, nos sorrisos e canduras com que doira a vida comum” (SERRÃO, 1987, p. 15); desse modo, e como as outras mulheres da sua classe e de seu século, ela estava destinada

à ociosidade, à obediência e à submissão, ocupadas apenas na aprendizagem do que prescreviam os manuais de civilidade, os figurinos e as revistas de moda vindas de Paris, com cujo concurso procuravam produzir uma bela imagem de candidatas ao casamento. (DANTAS, 1999, p. 31)

Luísa recebera a educação feminina que era disponibilizada na época, completamente “insuficiente, inadequada e deformadora” (SERRÃO, 1987, p. 32), criadora de mulheres inseguras, que ensejavam sentimentos de inferioridade perante os homens e que as limitava às leituras de romances. Os mesmos que as consideravam desprovidas de cultura e inteligência eram os responsáveis diretos pela restrição educacional a qual tinham acesso. Tudo isso ocasionava uma ridicularização feminina, um julgamento atroz pelos ditos superiores e incontestáveis sábios do sexo masculino, que caracterizavam o feminino como devaneador e incapaz de tomar qualquer tipo de decisão racional. Essa formação escassa, sem qualquer alternativa e nenhuma autonomia, preparou Luísa para tornar-se uma Senhora.

Enquanto sua mãe ainda era viva, namorou seu primo, chamado Basílio. Com ele passou por “todos os episódios clássicos de amores lisboetas em Sintra: os passeios em Sítiais ao luar, devagar, sobre a relva pálida, com grandes descansos calados no Penedo da Saudade” (QUEIRÓS, 2001, p. 62); a relação contava com o apoio materno, pois, de acordo com que é descrito na própria obra: “tinham muita liberdade, ela e o primo Basílio. A mamã, coitadinha [...], deixava-os, sorria, dormitava; Basílio era rico, então; chamava-lhe tia Jójó, trazia-lhe cartuchos de doces...” (QUEIRÓS, 2001, p. 63). Findo o romance, Luísa sofreu as dores que o rompimento de uma relação amorosa pode ocasionar. Tentou procurar consolo se dedicando a Deus; pensou em entrar para a ordem religiosa, assim como uma amiga, na tentativa de acalmar as angústias do coração, e até em ser “irmã de caridade” (QUEIRÓS, 2001, p. 376). Passados três anos, conheceu Jorge no Passeio. Ficaram noivos: “que alegria, que descanso para a mamã!”

(QUEIRÓS, 2001, p. 65). Casaram-se. Enfim, o objetivo para o qual fora criada estava concretizado. Agora teria de dar o próximo passo, que era ter filhos – o que, para as mulheres casadas dessa época, era “uma maneira de afirmar a sua especificidade e de lhe conferir importância” (KNIBIEHLER, 1994, p. 388). Todavia, Luísa fracassou nesse intento.

Comparando as trajetórias das personagens, percebemos que, enquanto Juliana começara a servir para ajudar a sustentar a família, tentando movimentar-se em prol de uma vida melhor que poderia levá-la a uma justa e digna aposentadoria, Luísa vivera as paixões – de acordo com o que era permitido socialmente e na escola, escondido aos olhos sociais, quando deu um beijo na sua colega, Teresa –, sofrera por uma delas, gozara do ócio, fizera leituras, sonhara com elas e procurara se estabelecer com um marido para entregar-se completamente a ele, à casa e à família.

Juliana tornara-se mulher através de um processo muito diferente daquele da futura patroa – ainda que não menos injusto e cruel –, reflexo de uma sociedade hipócrita, cujo propósito era zelar pela boa aparência, o nome e os interesses das classes superiores masculinas. Começou a servir pouco tempo após o desentendimento entre a mãe e a vizinha. Apesar de trabalhar há vinte anos na profissão, “nunca se acostumara” (QUEIRÓS, 2001, p. 121), e assim seria durante toda a sua vida. Os baixos salários, os maus-tratos, as condições precárias de vida – abrangendo alimentação deficiente, vestimentas velhas e abrigos insalubres – ampliaram o que sempre lhe apeteceu: ter seu próprio negócio. Tornar-se patroa. Ter criadas. Assumir uma posição burguesa na sociedade. Usufruir o que seus patrões usufruíam. Ter acesso ao ócio. Contudo, sua condição de vida fez com que ficasse doente, esgotando as economias de anos. Para o hospital só iam as pessoas de classes sociais muito baixas, lá não eram bem tratadas e tinham maiores chances de contraírem outras doenças, que certamente as levaria à morte. Os que tinham condições financeiras tratavam-se em casa. Naturalmente com muito medo do lugar, Juliana “foi tratar-se para casa de uma parenta” (QUEIRÓS, 2001, p. 122), sendo obrigada, pelas circunstâncias, a gastar suas “sete moedas” (QUEIRÓS, 2001, p. 121). O resultado de tudo isso foi a infeliz certeza de que seria criada até a velhice, o que desencadeou um processo de amargura em sua vida. “No dia em que se trocou a última libra, chorou horas com a cabeça debaixo da roupa” (QUEIRÓS, 2001, p.122).

Já Luísa recebera uma “boa” criação, o que remete principalmente ao pudor e à timidez. Possuía “recato nas palavras, nos gestos, nas múltiplas formas de expressão”

(VAQUINHAS, 2000, p. 15); agia de acordo com o que sugeriam os manuais de bom-tom da época, isto é, sabia se comportar socialmente muito bem, possuía características físicas adequadas –“unhas cor de rosa” (VAQUINHAS, 2000, p. 14) , mãos bem tratadas, “cabelo louro [...], cabeça pequenina, de perfil bonito; a sua pele tinha a brancura tenra e a láctea das louras (QUEIRÓS, 2001, p. 53), [...] olhos castanhos muito grandes (QUEIRÓS, 2001, p. 56), [...] ombros alvos duma redondeza macia, o colo branco e tenro [...] braços redondinhos, um pouco vermelho no cotovelo (QUEIRÓS, 2001, p. 102), seu pé pequeno, branco como leite, com veias azuis (QUEIRÓS, 2001, p. 60)” – e comportamento condizente com o de uma Senhora; tinha acesso ao ócio, que lhe permitia cuidar de si e manter os aspectos ideais de beleza. Não desacatava o marido em suas ordens, algo que pode ser ilustrado pelo episódio em que Jorge a proíbe de ver Leopoldina, sua amiga íntima desde a infância: “Ouve lá, é necessário que deixes por uma vez de receber essa criatura. É necessário acabar por uma vez!” (QUEIRÓS, 2001, p. 73); contra a vontade, mas por obediência, estava disposta a perder a amizade que tinha com Leopoldina.

Jorge utiliza como argumentos, além da ordem que deveria ser expressamente cumprida – apoiado inclusive no próprio Código Civil Português, que prescrevia (1868, p. 208): “Art. 1185. Ao marido incumbe, especialmente, a obrigação de proteger e defender a pessoa e os bens da mulher; e a esta a de prestar obediência ao marido” –, a “boa imagem” diante da sociedade e os “bons costumes” como primordiais: “É por causa de ti! É por causa dos vizinhos! É por causa da decência” (QUEIRÓS, 2001, p. 73); “Minha querida filha, esta nossa casinha é tão honesta que é uma dor de alma ver entrar essa mulher aqui” (QUEIRÓS, 2001, p. 76). Nesta mesma passagem, o papel de Jorge é bem marcado, porque nela o poder central do marido fica bem claro e o papel secundário da mulher também: “Quem melhor conselheiro e bom amigo/ Que o marido que a alma escolheu?” (QUEIRÓS, 2001, p.76). Ou seja, ele é o ser racional da casa, o que resolve as coisas, o que aconselha, o que guia pelos bons caminhos, o responsável por fazer as coisas “andarem”; a ela, cabe executar o que ele diz, pois, sendo incapaz de tomar decisões, age por emoção, com o coração – afinal de contas “é mulher, muito mulher!” (QUEIRÓS, 2001, p. 93). Concomitantemente a isso, Luísa via-se obrigada a aguentar Julião, por mais que não gostasse dele, pois era amigo do seu marido e isso já era argumento suficiente para obstar qualquer questionamento. Era considerada uma ótima dona de casa, “tinha cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre como um passarinho, como um passarinho amiga do ninho e das carícias do

macho” (QUEIRÓS, 2001, p. 56). Fazia o que era necessário para manter as boas aparências e evitar falatórios sobre sua família; assim, o que sobre ela se dizia remetia quase sempre, senão sempre, ao seu bom comportamento. Logo, era excelente esposa e uma perfeita Senhora.

Juliana trabalhou em diversas casas. Não tinha nenhum tipo de afeto pelas patroas. Sentia inveja delas, mas, pelo menos a princípio, sua inveja é justificada pela ausência do básico que um ser humano precisa para sobreviver. Apontando para a forma como as criadas da época eram tratadas, a própria personagem dá seu parecer sobre essa condição: “a criada é o animal” (QUEIRÓS, 2001, p. 318). Então, ambicionava a comida, a roupa, o lazer e um local adequado para dormir que lhe eram negados, afinal de contas, comia “restos”, vestia “trapos”, não tinha direito a nenhum tipo de distração e dormia num quarto localizado “no sótão, debaixo das telhas, muito abafado, com um cheiro de tijolo cozido, dava-lhe enjôos, faltas de ar [...]” (QUEIRÓS, 2001, p. 104). Por essa perspectiva, é compreensível que desejasse “as sobremesas que os amos comiam, a roupa branca que vestiam. As noites de *soirée*, de teatro [...]” (QUEIRÓS, 2001, p. 124). Não sabia aproveitar os momentos de ausência das patroas como as outras criadas o faziam. Não conseguia se aproximar, tornar-se confidente delas e usufruir as regalias que lhe poderiam ser concedidas por essa posição. Nas casas em que serviu, as patroas não gostavam dela, as crianças implicavam, colocavam apelidos, debochavam do jeito e dos problemas nervosos que tinha. Como consequência previsível e compreensível, Juliana começou a se fechar ainda mais, desconfiar de tudo e de todos e a responder inadequadamente às patroas, maltratar as crianças, ocasionando uma série de demissões carregadas de escândalos.

Alertada por uma inculcadeira, a quem chamava de tia Vitória, sobre a possibilidade de não conseguir mais emprego e com isso faltar-lhe o que comer, Juliana se viu obrigada a engolir seu orgulho e começar a fingir, ou pelo menos tentar, ser agradável. Percebemos então uma mulher enferma, desesperançada, amarga e aflita não só com a triste certeza que não teria uma futura ascensão social, mas agora, também com a possibilidade de faltar “o pão! Aquela palavra que é o terror, o sonho, a dificuldade do pobre assustou-a” (QUEIRÓS, 2001, p. 123). Juliana começou a tentar, desesperadamente, adequar-se ao modelo que sua classe seguia, comportando-se como a maioria se comportava, fazendo-se “uma pobre mulher”, com afetações de zelo, um ar de sofrer tudo, os olhos no chão” (QUEIRÓS, 2001, p. 123). Entretanto, esse

comportamento não somente a deixava insatisfeita consigo, como ia pouco a pouco, destruindo-a por dentro, o que lhe gerou mais problemas ainda:

veio-lhe a inquietação nervosa dos músculos da face, o tique de franzir o nariz; a pele esverdeou-se-lhe de bÍlis. A necessidade de se constranger trouxe-lhe o hábito de odiar: odiou sobretudo as patroas, com um ódio irracional e pueril. (QUEIRÓS, 2001, p.123)

A categoria à qual pertencia contribuía demasiado para o aumento da enfermidade física e psicológica, o que obviamente refletia em sua aparência física; assim, longe de pertencer ao padrão ideal de beleza burguês – exceto pelo pequeno e bonito pé, que inclusive era seu motivo de orgulho –, começou a envelhecer e a enfeiar cada vez mais.

Devia ter quarenta anos, era muitíssimo magra. As feições, miúdas, espremidas, tinham a amarelidão de tons baços das doenças de coração. Os olhos grandes, encovados, rolavam numa inquietação [...] Usava uma cuia de retrós imitando tranças, que lhe fazia a cabeça enorme. Tinha um tique nas asas do nariz. (QUEIRÓS, 2001, p. 57)

Depois das demissões frequentes, Juliana conseguiu, mais uma vez, iniciar seu serviço em outro lugar: desta vez, na casa de uma senhora doente, viúva, chamada VirgÍnia Lemos – tia de Jorge, futuro marido de LuÍsa. Reacendeu em Juliana a esperança de se estabilizar financeiramente, dado que, por interesse e instruções de tia Vitória, começou a tratar muito bem a patroa, esperando dela uma futura recompensa póstuma. Começou novamente a sonhar: se d. VirgÍnia lhe deixasse ao menos uma parte do dinheiro que possuía, poderia ter um dote e conseguir, enfim, um marido – assim como as Senhoras, porque, no fim das contas, “a falta daquela grande consolação agravava a miséria da sua vida” (QUEIRÓS, 2001, p. 125).

No meio desses pensamentos que a alegravam profundamente com desejos de jantares maravilhosos e o descanso que tanto ansiava, podemos observar como Juliana talvez fosse a exceção entre seus pares, devido à maneira como se comportava e ao modo como se imaginava numa posição superior: atingir esse objetivo exigia das mulheres certas habilidades sociais, e Juliana não só sabia muito bem disso como tinha tudo bem planejado e fixado na mente, caso conseguisse essa colocação. Queria mandar; ter as suas próprias criadas, era uma das obsessões da personagem: “Mandar, enfim, a sua criada! A sua criada! Via-se a chamá-la, a dizer-lhe, de cima para baixo: Faça, vá, despeje, saia!” (QUEIRÓS, 2001, p. 126). Tratar outras mulheres como sempre fora tratada demarcaria, afinal, a bem sucedida transição para outra categoria

social. Todavia, mais uma vez os planos de Juliana desmoronaram: d. Virgínia – mesmo reconhecendo que era muito bem tratada, vangloriando-se por tê-la como criada e ainda recomendando-a para Jorge –, sem a menor consideração, preocupação ou gratidão, deixou toda a sua fortuna para o sobrinho e absolutamente nada para quem, apesar do interesse, cuidara muito bem dela durante todo o período de enfermidade a que esteve submetida. A lamentável recompensa que recebeu foi ser tratada num hospital, com os custos pagos pelo futuro patrão; enquanto este desembolsava os três contos de réis que herdara, trocando os móveis da casa em que residia.

Restou a Juliana começar a cumprir suas tarefas como criada de dentro na casa de Luísa, contratada por Jorge por uma questão de gratidão - como ele mesmo afirma -, o que consolida a sua trajetória, uma vez que naquela época as criadas passavam por diferentes gerações das famílias:

a relação com as criadas mantém-se numa dependência de carácter quase feudal, um laço pessoal: a criada faz parte da família, o que significa que não existe por si mesma, que não pode ser em princípio, nem casada nem mãe, não tem direito a qualquer liberdade, permanecendo submetida ao ritmo quotidiano de um trabalho que não conhece nem resultado nem fim. (KNIBIEHLER, 1994, p. 388)

Embora Luísa quisesse despedi-la após menos de duas semanas de trabalho, Jorge, como o dono “procedente” da casa, não consentiu, obviamente; e, quando Luísa tenta mostrar que se quisesse não a teria mais como criada, imediatamente seu marido intervém e a coloca no lugar em que deveria estar a mulher da casa, isto é: longe de qualquer decisão sem a aprovação do marido, ressaltando que isso só ocorreria caso ele consentisse. Tanto Juliana quanto Luísa, apesar de suas trajetórias particulares, estavam sujeitas a uma mesma autoridade patriarcal.

Luísa, Juliana e os cárceres do gênero

A descrição do ambiente em que as personagens viviam é um fator importante para que possamos compreender melhor a maneira como as mulheres do século XIX ocupavam espaços distintos de acordo com as classes a que pertenciam e aquilo a que tinham acesso, e como isso influenciava em seu comportamento e nas suas vidas de uma forma geral. Se, por exemplo, analisamos as descrições dos quartos das personagens citadas neste texto e os seus pertences de cada uma neles localizados, podemos perceber claramente essa distinção. Luísa habitava

um quarto pequeno, muito fresco, com cretones de um azul pálido. Tinha um tapete barato, de fundo branco, com desenhos azulados. O toucador, alto, estava entre as duas janelas, sob um dossel de renda grossa, muito ornado de frascos facetados. Entre as bambinelas, em mesas redondas de pé de galo, plantas espessas, begônias, macomas, dobravam decorativamente a sua folhagem rica e forte, em vasos de barro vermelho vidrado. (QUEIRÓS, 2001, p. 12)

Enquanto Juliana, com muitos problemas de saúde e com mais idade que Luísa, tinha o seu quarto localizado no sótão

baixo, muito estreito, com o teto de madeira inclinado; o sol, aquecendo todo o dia as telhas por cima, fazia-o abafado como um forno; havia sempre à noite um cheiro requentado de tijolo escandescido. Dormia num leito de ferro, sobre um colchão de palha mole coberto de uma colcha de chita; da barra da cabeceira pendiam os seus bentinhos e a rede enxovalhada que punha na cabeça; ao pé tinha preciosamente a sua grande arca de pau, pintada de azul, com uma grossa fechadura. Sobre a mesa de pinho estava o espelho de gaveta, a escova de cabelos enegrecida e despelada, um pente de osso, as garrafas de remédio, uma velha pregadeira de cetim amarelo, e, embrulhada num jornal, a cuia de retrós dos domingos. E o único adorno das paredes sujas, riscadas da cabeça de fósforos, - era uma litografia de Nossa Senhora das Dores por cima da cama, e um daguerreótipo onde se percebia vagamente, no reflexo espelhado da lâmina, os bigodes encerados e as divisas de um sargento. (QUEIRÓS, 2001, p. 116)

Cada vez mais se torna compreensível o porquê de Juliana almejar um progresso de vida incessantemente. Esgotadas as possibilidades anteriormente citadas, começa a procurar uma oportunidade; é quando percebe as visitas regulares de Basílio, que acabara de retornar a Lisboa, e prevê a forte possibilidade de ocorrer um adultério. Depois de tanto procurar a “carta adorada”, finalmente a encontrou, apossando-se também de outras cartas trocadas entre a patroa e o respectivo primo. Reanimada com a oportunidade emergida, agarrou-se a ela de tal forma que estaria disposta a qualquer coisa para o descanso que julgava como seu de direito; conforme ela mesma disse à Luísa: “estou cansada de trabalhar, e quero o meu descanso” (QUEIRÓS, 2001, p. 317). Essa estratégia era usada por muitas criadas que, ao saber de alguns segredos das patroas, encobriam desvios matrimoniais, facilitavam e acobertavam as fugas das regras que lhes eram impostas socialmente, garantindo assim alguns benefícios das Senhoras que acabavam cedendo aos pedidos e chantagens, fossem elas indiretas e sutis, fossem diretas e agressivas.

Demonstramos como Juliana, após conseguir as cartas, utilizou as duas estratégias supracitadas para obter vantagens e benefícios: primeiro, dando indícios de

que não tinha certa roupa, de que precisava de certo objeto – com uma postura ainda submissa. Inicialmente, essa abertura de Juliana despertou em Luísa a ideia de uma possível convivência amigável, que a faria ganhar tempo com a criada, doando-lhe coisas que já não queria – como a seda preta que usara para encontrar Basílio no *Paraíso*; após perceber quão feliz ficou Juliana com o presente, pensou, então, ter encontrado uma saída para a situação que se encontrava: “Estava salva! Era presenteá-la, era fartá-la! Começou logo a pensar no que lhe podia dar mais, pouco a pouco: o vestido roxo, roupas brancas, o roupão velho, uma pulseira!” (QUEIRÓS, 2001, p. 339). Ao mesmo tempo em que a ideia animava Luísa, animava também Juliana, porque esta percebeu que através disso poderia ter cada vez mais: enquanto não conseguia o dinheiro que solicitara, poderia começar a mudar de condição obtendo as coisas da patroa. Juliana começa então a assumir a identidade que tanto queria: a de burguesa. No entanto, elevada a sua ambição, o que ganhava já não lhe parecia satisfatório; queria os seiscentos mil réis e, para isso, rapidamente assumiu a chantagem direta, que presumiu mais eficaz. A princípio seria bem sucedida; mas, sendo a peça social frágil, aquela que não tinha o apoio de qualquer autoridade, que não tinha com quem contar a seu favor, perdeu-se na ambição que dela tomou conta uma vez que se sentiu no *status* burguês. Esse equívoco a levaria posteriormente à morte – exigindo vantagens e benefícios, agora aos gritos, e humilhando Luísa sem hesitação.

Há um trecho bem interessante na obra em que Juliana, ao informar Luísa sobre o que sabia e na esperança de que Basílio, que era visto como rico, pagasse pela restituição das cartas, fica furiosa ao descobrir que ele fora embora de Portugal; Juliana então briga com a patroa, expõe sua condição de vida e a compara com a dela:

— A senhora diz bem, sou uma ladra, é verdade; apanhei a carta no cisco, tirei as outras do gavetão. É verdade! E foi para isto, para mas pagarem! [...] Tenho passado anos e anos a ralar-me! Pra ganhar meia moeda por mês, estafo-me a trabalhar, de madrugada até à noite, enquanto a senhora está de pânria! É que eu levanto-me às seis horas da manhã — e é logo engraxar, varrer, arrumar, labutar, e a senhora está muito regalada em vale de lençóis, sem cuidados, nem canseiras. Há um mês que me ergo com o dia, para meter em goma, passar, engomar! A senhora suja, suja, quer ir ver quem lhe parece, aparecer-lhe com tafularias por baixo, e cá está a negra, com a pontada no coração, a matar-se com o ferro na mão! (QUEIRÓS, 2001, p. 317-318).

Não satisfeita com as doações de Luísa, Juliana começou a querer cada vez mais. Com essa estratégia mais agressiva, agora não só queria os objetos de Luísa, como

também ter a vida dela e ser exatamente como ela, ou seja, absorver a identidade da Senhora. É possível entender como tudo isso aconteceu, na medida em que acompanhamos a progressão aquisitiva à qual Juliana teve acesso. A primeira grande conquista foi o quarto em que Jorge guardava os baús, e foi a partir daí que Juliana perdeu o controle, começando a exigir demais da patroa: pediu uma cômoda inteira, mobiliou o quarto de acordo com o que considerou necessário e baseada no que possuía Luísa. O ápice de tudo isso é quando ocorre a inversão total de papéis e Luísa passa não só a dar tudo o que Juliana solicita, como também a trabalhar por ela, fazendo os serviços domésticos, além de bordar e modificar vestidos que lhe daria, de modo que Jorge não percebesse a quem pertenciam antes; enquanto isso, Juliana já não levantava mais cedo, arrumava-se com requinte e fazia rapidamente seu serviço para passear e começar a aproveitar a vida: “Juliana, uma manhã, encontrou Luísa no corredor trazendo para o quarto o regador cheio de água” (QUEIRÓS, 2001, p. 333) – é a primeira vez que Luísa faz um trabalho doméstico. A partir daí, ocorrem sucessivos episódios que podemos conceituar como a degradação de Luísa, já que para ela isso seria tornar-se criada.

enfim uma manhã não vazou as águas sujas. Luísa foi espreitar no corredor que Joana não descesse, não a visse, e fez ela mesma os despejos! Quando veio ensaboar as mãos, as lágrimas corriam-lhe pelo rosto. Desejava morrer!... A que tinha chegado!... (QUEIRÓS, 2001, p. 369).

Apesar do fragmento indicar desespero, angústia e principalmente decadência, o pior momento de Luísa enquanto realiza obrigações de Juliana é quando Jorge a flagra varrendo: “Uma manhã, que Jorge voltara a casa inesperadamente, encontrou-a em *robe de chambre*, com um lenço amarrado na cabeça, varrendo, lugubrememente. [...] Ela corou muito, atirou logo a vassoura, veio abraçá-lo.” (QUEIRÓS, 2001, p. 398). Ainda que, para Luísa e a sociedade da época, fosse inadmissível que uma Senhora fizesse os próprios despejos, Luísa se sente mais desesperada no momento em que Jorge a flagra varrendo. Isso se dá porque, num primeiro momento, a tarefa era cumprida como um segredo particular, interno: somente ela sabia estar fazendo algo inapropriado para sua posição social; quando sua condição é exposta, principalmente para Jorge, fica desconsolada – ainda que não tenha sido a “pior” coisa que tenha feito, como julgava em seu cerne. Jorge chega a questioná-la num outro momento em que a encontra

engomando: “Diz-me cá, quem é aqui a criada e quem é aqui a senhora?” (QUEIRÓS, 2001, p. 415).

Como esperado, a pequena influência que Luísa possuía por sua posição na sociedade, contando ainda com a ajuda de Sebastião, amigo de Jorge, permite-lhe articular um plano para arrancar as cartas que estão em posse de Juliana e devolver a paz familiar de uma família típica burguesa; só que os acontecimentos tomam outro rumo e Juliana acaba morrendo, tanto porque se sentiu extremamente ameaçada e com medo de ser presa – já que na época poderia ser acusada de extorsão –, tanto por ver encerrada de uma vez por todas a ascensão social que tanto almejava. O resultado dessa pressão imensa sofrida por Juliana foi o estouro de seu aneurisma, ocasionando-lhe a morte. Por outro lado, o mesmo destino estava guardado para Luísa: sua saúde começa a deteriorar-se devido a todo o estresse que viveu durante o período da chantagem, que desencadeou uma onda de febres repentinas; com a descoberta de Jorge sobre seu envolvimento com Basílio e com a revelação de que o marido já estava ciente do adultério, Luísa piora gradativamente até chegar ao momento que lhe são raspados os cabelos, arrancando dela qualquer resquício que sobrara de sua identidade.

Finalmente, é possível perceber que a Juliana e a Luísa foram reservadas por seu século para “a casa e a vida familiar e doméstica” (VAQUINHAS, 2000, p. 16). Se para Juliana fora reservada a prisão do trabalho doméstico até à morte, Luísa estava designada ao cárcere doméstico por ocupar uma posição social que lhe impunha “obediência, a submissão, a fragilidade, o veto ao saber, as tarefas domésticas” (DANTAS, 1999, p. 39). Desse modo, respeitando as especificidades, é possível fazer uma aproximação das personagens quanto ao que as restringia socialmente e as situava em uma mesma condição, isto é, a de mulheres; assim, num âmbito geral, podemos entender melhor a posição em que se encontravam na época.

Conclusão: as trágicas consequências dos desvios femininos

Já no desenrolar do romance, Eça nos dá indícios de um final trágico, principalmente se observarmos as obras que são citadas no decorrer da trama, sejam livros, telas, estátuas, etc.: quase todas, senão todas, fazem menção a algum tipo de comportamento feminino desviante, principalmente ao adultério e ao resultado a que isso levaria – por exemplo: *A Dama das Camélias* de Alexandre Dumas Filho

(QUEIRÓS, 2001, p. 60), *a Medeia* de Eugène Delacroix (QUEIRÓS, 2001, p. 67), a *Mártir* de Paul Delaroche (QUEIRÓS, 2001, p. 67), *A Oração de uma Virgem* de Badarzewska-Baranowska (QUEIRÓS, 2001, p. 74), *Otelo* de William Shakespeare (QUEIRÓS, 2001, p.89), *Norma* de Bellini (QUEIRÓS, 2001, p. 135), *Lúcia* de Donizetti (QUEIRÓS, 2001, p. 135), *Mulher de fogo* de Adolphe Belot (QUEIRÓS, 2001, p. 139), *Rocambole* de Pierre-Alexis Ponson du Terrail (QUEIRÓS, 2001, p. 139), *Fausto* de Gounod (QUEIRÓS, 2001, p. 141).

No fim da obra, as trajetórias da senhora e da criada se cruzam precisamente porque ambas procuram, de algum modo, fugir às posições que lhe haviam sido designadas pela sociedade. Luísa procura a fuga por meio do adultério com o primo, buscando uma aventura amorosa, experiências diferentes, sair do angustiante tédio em que estava submetida e finalmente ter boas sensações; como está descrito na obra, no momento em que recebe uma das cartas escritas por Basílio, “sentia um acréscimo de estima por si mesma, e parecia-lhe que entrava enfim numa existência superiormente interessante, onde cada hora tinha o seu encanto diferente [...] a alma se cobria dum luxo radioso de sensações” (QUEIRÓS, 2001, p. 226). Juliana, por sua vez, busca a ascensão social – num primeiro momento, pensando no que lhe proporcionaria em qualidade de vida, descanso e alguma forma mínima de conforto –, sua aposentadoria, a retomada da alegria na sua amarga vida, como está explícito nesta passagem: “a alegria era tão aguda, a esperança tão larga que a sustentavam, lhe davam saúde! Deus enfim tinha-se lembrado dela!” (QUEIRÓS, 2001, p. 296); por fim, já pretendendo alçar-se de alguma maneira ao *status* burguês, deseja arduamente a vida de Luísa. Desse modo, ambas tentam desesperadamente fugir às posições que lhe foram designadas pela sociedade e por quem a regia, o que enseja a punição máxima determinada às que tentavam tamanho atrevimento: a morte.

Duas vertentes que se encontram no fim: Luísa Brito de Carvalho, senhora típica burguesa, sonhadora, aprisionada em sua vida que pode ser considerada luxuosa e não menos ociosa, sem direitos, sem autonomia, sem voz, considerada e tratada com uma incapaz; e Juliana Couceiro Tavira, criada, com personalidade forte, invisível aos olhos sociais, trabalhadora e ambiciosa; ambas vivendo numa sociedade que não dava espaço às mulheres e menos ainda às que pertenciam a classes inferiores. Por isso, é absolutamente legítimo que sejam classificadas como vítimas da sociedade em que viveram.

Referências

BOLES, J. K.; HOEVELER, D. L. Double standard. In: _____. *Historical Dictionary of Feminism*. Lanham: Scarecrow Press, 2004.

CODIGO CIVIL PORTUGUEZ. Aprovado por carta de lei de 1 de Julho de 1867. Lisboa: Imprensa Nacional, 1868.

DANTAS, F. J. C. *A mulher no romance de Eça de Queiroz*. São Cristóvão: Editora UFS, 1999.

KNIBIEHLER, Y. Corpos e corações. In: FRAISSE, G.; PERROT, M. (dir.) *História das mulheres: o século XIX*. Trad. Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

QUEIRÓS, E. de. *Correspondência*. Recolha, coord., prefácio e notas de G. de Castilho. v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

QUEIRÓS, E. *O Primo Basílio: episódio doméstico*. 2ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

REIS, C. *Eça de Queirós*. Lisboa: Edições 70, 2009.

SERRÃO, J. *Da situação da mulher portuguesa no século XIX*. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

VAQUINHAS, I. Introdução. In: _____. *"Senhoras e mulheres" na sociedade portuguesa do século XIX*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.